

# A ILLUSTRACÃO

## LUSO-BRAZILEIRA.



### REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

### Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3\$600 rs. — Semestre 1\$920 rs. — Trimestre 1\$300 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 28 — SABBADO, 12 DE JULHO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4\$000 — Semestre 2\$100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

### SUMMARIO.

Camilla (continuação) — Telegraphia electrica — A louca de S. Christovão — A praça d'Evora — A igreja das freiras da Conceição — Ninha a Pastora — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) — Chronica semanal — Apontamentos biographicos — Aphorismos — Bibliographia.

GRAVURAS — Praça d'Evora — Igreja das freiras da Conceição — Passeio Publico, vista de dia — Ninha a Pastora — Passeio, vista de noite

### CAMILLA.

MEMORIAS D'UMA VIAGEM.

(Continuação.)

### III

É rara a hospedaria de romance que não se chame Aguia de Ouro, Leão de Ouro, Urso Branco, Urso Vermelho, ou outra coisa semelhante; no entanto affirmo que aquella em que me installei não é invenção minha, porque lá existe com effeito no Porto a hospedaria da Aguia de Ouro.

Foi pois para ella que caminhámos, Ernesto e eu, conversando alegremente, e no fim d'um quarto de hora estavam a contas com o estalajadeiro que a pedido meu, alojou-me no mesmo quarto que Ernesto occupava.

Sem saber porque, ia fazendo o mesmo que o meu amigo fazia com toda a negligencia; mudava de toilette.

— Não sei se sabes que me caso hoje, disse-me elle com a maior seriedade, em quanto arranjava o laço da gravata diante d'um espelho.

— Dou-te os parabens, respondi eu rindo-me, porque tomava o negocio por brincadeira.

— Espero da tua amizade, continuou elle cada vez mais serio, que serás meu padrinho.

— Essa é boa! tornei-lhe eu, não sabendo se devia acreditar ou não; estou prompto. Mas dize-me, a noiva é moça ou velha?

— Vinte e seis annos.

— Bonita ou feia?

— Linda como os amores.

— E chama-se?...

— Camilla...

— Ora essa! disse eu, deixando cair insensivelmente uma bota que ia calçar.

— Tu conhece-la? perguntou-me Ernesto.

— De nome... de nome; tenho ouvido fallar muitas vezes n'essa mulher...

— Romantica, não?

— Romantica, sim, romantica; e mau grado meu, soltei uma gargalhada forçada.

— Pois é verdade, caso-me com ella hoje.

— Por amor?

— Ora, filho, tornou-me Ernesto, deves saber que é palavra que não ha no meu dictionario. Ella casa-se comigo por capricho, por phantasia; e eu cedo a essa phantasia, a esse capricho, porque ambiciono ser rico, porque casando-me venho a ser possuidor da fortuna colossal de Camilla. No entanto, accrescentou elle pensativo, ha uma coisa que me intimida. Esta mulher tem querido espantar tres rapazes e todos tres morreram horas antes da festa nupcial; da quarta vez dizem que morre ella, mas pode muito bem succeder o contrario, e se a cubiça me impelle a dar este passo, a razão faz-me recuar aterrado.

Ernesto estava pallido quando acabou de fallar e tinha-se deixado cair sobre uma cadeira, brincando com a corrente do relajo.

Eu, encostado á commoda, immovel como uma estatua, sentia que não estava no meu estado natural. Tinha visto em Lisboa Camilla, e a sua imagem tinha-me ficado gravada em fogo na mente. Não podia ficar impassivel vendo-a lançar-se nos braços d'outro homem; não podia a sangue frio ver desvanecer-se o mais bello sonho da minha vida.

E se a Camilla de Ernesto não fosse a mesma? Era

quasi impossivel; mas emfim sempre era uma esperanza. Perguntei-lhe pois se tinha o seu retrato.

— Olha, disse-me elle apontando para a commoda, abre essa segunda gaveta de cima; hade ahí estar.

Abri a gaveta, e peguei n'um retrato cravado no meio d'uma rica moldura. As mãos tremiam-me e o coração batia fortemente. Olhei... e apesar de não ser da moda, estive quasi a soltar um grito de raiva. O retrato era de Camilla.

— Meu querido Ernesto, disse-lhe eu, se te casares estimarei que sejas feliz; mas não posso ser teu padrinho, peço-te que me dispenses.

— Então porque?

— Ora, Ernesto, se tu amassés uma mulher de certo não irias assistir ao seu casamento com outro.

Ernesto levantou-se e travou-me da mão.

— Amas Camilla?! perguntou-me elle.

— Amo-a sim.

— E ella?

— Não sei; ou para melhor dizer: nem me conhece, porque lhe fallei unicamente uma vez.

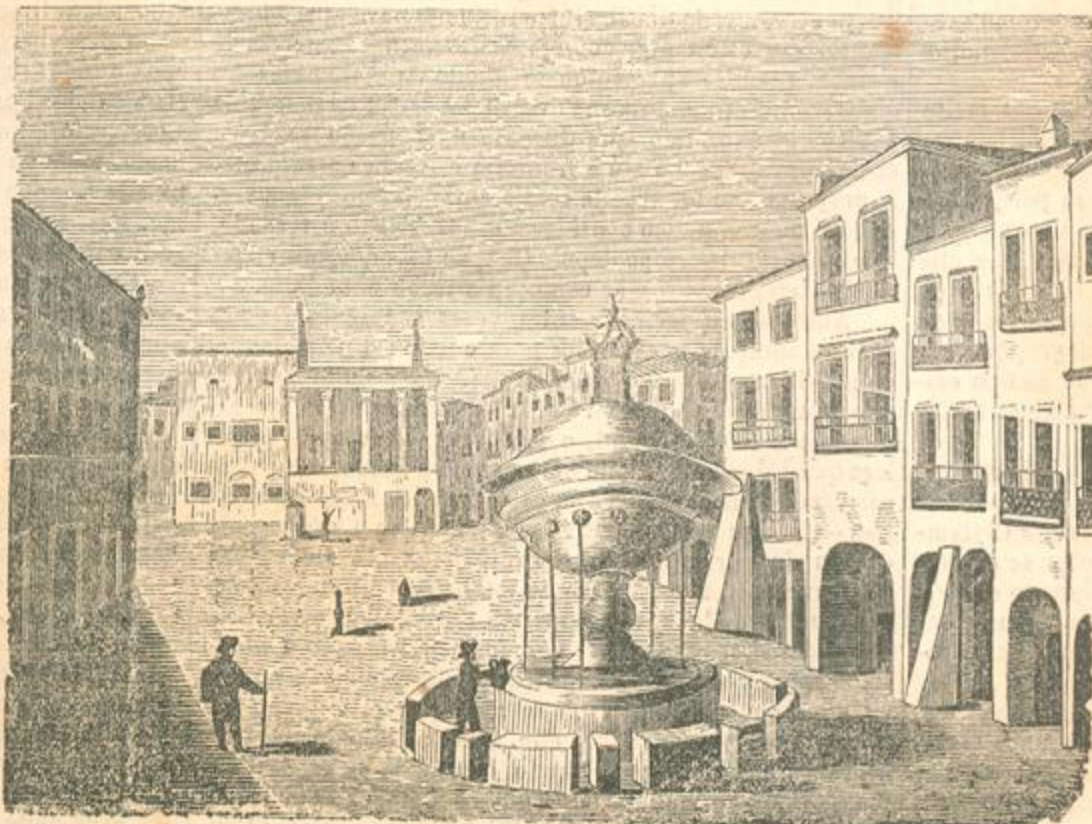
— Oh! Oh! fez Ernesto estalando um phosphoro e mordendo com todo o vagar um charuto de pataco, temos paixão romantica?! Estou com vontade de saber essa historia.

— Pois eu t'a conto. É simples como o são todas as historias de amor. Camilla esteve em Lisboa, vi-a como todo o mundo a viu; mas o que talvez ninguem fez, fiz eu: ame-a. Crucei um segundo os meus olhos com os d'ella, e aquelle olhar terno e languido fez-me mal. Desde a primeira vez que a vi pensei só n'ella, segui-a por toda a parte porque tinha necessidade de a ver, era um imán que me atrahia.

Escuta Ernesto, era uma paixão louca, uma effervescencia dos sentidos, um desvario da razão. Teria dado metade da minha vida por um beijo d'aquella mulher; teria até dado a minha alma para rolar-me como um sibarita no divan em que ella tivesse estado reclinada, para aspirar os perfumes embriagantes que a cercavam.

Uma noite fui a S. Carlos, ella lá estava n'um camarote, bella, deslumbrante de joias e belleza, seductora! Representava-se o *Trovador*. No intervalo do 2.º acto fui apresentado por um amigo meu e ella recebeu-me com um sorriso.

A nossa conversação foi pouco a pouco caindo no amor. Eu estava extatico quando ella fallava; cada palavra d'aquella mulher, coada por entre dois labios extremamente voluptuosos, vibrava-me ao mesmo tempo no ouvido e no coração.



Pr.ça d'Evora.

—O senhor já amou? perguntou-me ella.  
—Amo, minha senhora; respondi-lhe eu.  
—E o que daria a essa mulher que ama?  
—Todos os meus pensamentos por um beijo seu.  
—Oh! disse Camilla, como duvidando.  
—Toda a minha vida por uma hora da sua, accrescentei olhando-a fixamente.  
Ella guardou silencio.  
—A salvação da minha alma, se na hora derradeira ella jurasse que me tinha amor.  
Camilla sorriu-se e respondeu-me: —é muito. Depois, erguendo os olhos, disse em voz muito baixa:  
—Eu se amasse um homem, dava-lhe. . . . o meu amor.  
E correu a platéa inteira com o seu oculo de marfim. Desde essa noite, Ernesto, nunca mais a vi!  
Mal tinha acabado estas palavras quando uma carruagem parou á porta do Hotel.  
—Vem a proposito, disse Ernesto depois de ter chegado á janella.  
—O que? A carruagem?  
—Sim; é o trem de Camilla que vem buscar-me.  
—Deixas-me já?  
—Pelo contrario, levo-te comigo.  
—Estás doido! . . .  
—O que! Pois recusas acompanhar-me?  
—A casa d'ella, recuso.  
—Mas é que nós não vamos agora lá.  
—Então acompanho-te.  
Desceamos a escada, e dois minutos depois rodava a carruagem ao largo trote de dois magnificos cavallos.

Continua.

CASIMIRO ABREU.

## TELEGRAPHIA ELECTRICA.

## I

O seculo actual é caracterizado pela tendencia a deramar a instrucção por todas as classes da sociedade. Em quanto que nos seculos passados as sciencias se cercavam do respeito e do mysterio, hoje tendem a democratizar-se. Em todas as nações civilizadas, especialmente na Alemanha e Inglaterra, publicam-se todos os dias muitos livros, que são outros tantos tratados sobre diversos pontos scientificos; a linguagem com que n'elles se falla, pode ser comprehendida por todos.

Homens respeitaveis pela sua sciencia, Arago, Quelet, Scoresby, Plateau, e muitos outros tem vindo dar o seu contingente para a illustração do povo, deixando por algum tempo as elevadas questões scientificas de que se occupavam.

Os trabalhos d'este genero são de difficil execução, e mais d'uma vez se tem offerecido premios a seus autores. A sciencia tem sua nomenclatura estabelecida, sua linguagem particular; mas essa linguagem tem de ser abandonada para que o scripto se comprehenda. Definir cada um dos termos que se fôr apresentando, só pode confundir e complicar: porquanto torna-se necessario interromper a cada passo as descripções e muitas vezes será indispensavel definir alguns dos termos que se empregavam na definição.

As considerações que acabamos de apresentar servinos-hão de desculpa, se não pudermos tornar bem comprehensivel este nosso artigo, e da linguagem que empregamos.

Antes de fallar do telegrapho electrico, diremos alguma coisa dos outros meios telegraphicos.

A telegraphia é um dos meios que empregamos para communicar aos outros nossas idéas e pensamentos. A natureza deu a todos os animaes meios de communicação intellectual, os quaes se vão aperfeiçoando á proporção que o animal vae subindo na escala zoologica. Desde o grito do insecto até á linguagem articulada, que de variedades se notam!!

O homem tinha sido dotado pelo Creator dos meios necessarios para se communicar com seus semelhantes. Esses meios tornaram-se insufficientes quando suas necessidades cresceram; não as necessidades reaes; porque onde o homem existe a natureza collocou tudo o que é indispensavel para a vida; mas as necessidades que elle creou. Precisava pôr a contribuição todos os logares do globo para ficar satisfeito. Zombou das distancias e do tempo, inventando a escripta e depois o telegrapho.

Diversos são os meios telegraphicos que se tem empregado; os principaes são o som, a luz, e a electricidade.

A idéa de se corresponder por signaes não é tão moderna como geralmente se julga. Uma fogueira acesa sobre o monte Ida, e repetida sobre o Athos indicaria a Clytemnestra a tomada de Troya. Meios semelhantes se empregaram por muito tempo para avisar do movimento d'exercitos inimigos; assim os gaulezes indicavam a seus companheiros o movimento dos exercitos de Cesar, acendendo fogueiras sobre as montanhas.

Antes da era christã já se empregavam estandartes, cuja significação era conhecida de todos: o branco significava a paz, o vermelho a guerra. Esta linguagem, por meio d'estandartes e bandeiras, foi depois muito mais aperfeiçoada quando a navegação começou a desinvolverse, e hoje acha-se levada a grande perfeição, tendo-se

adoptado signaes universaes. Qualquer navio pode fallar com outro, embora as nações e lingua sejam diferentes.

Qualquer que fosse o signal que se empregasse, era necessario podel-o ver de longe, e por isso a telegraphia não se podia desinvolverse antes da descoberta das lunetas.

Parece fora de duvida que foi o physico francez Guilherme Amontons o primeiro que applicou os instrumentos d'optica á observação de signaes aereos. Isto passou-se no seculo XVII. Amontons não creou uma telegraphia porque não teve protecção.

Algum tempo depois, Guilherme Marcel fez tentativas semelhantes, que não tiveram bom resultado pela mesma razão.

Parece que foi Gauthey, religioso beneditino, o primeiro que teve a idéa de formar um telegrapho acustico. Elle fez suas propostas em junho de 1782, afirmando que, servindo-se de tubos de metal, se podiam transmitir ordens a duzentas leguas de distancia em uma hora. Luiz XVI ordenou que se fizessem experiencias afim de verificar a verdade das asserções do beneditino. Os acontecimentos politicos vieram obstar a que proseguissem os trabalhos, e sobretudo a descoberta do telegrapho aereo.

A telegraphia acustica é empregada em toda a parte desde muito tempo; assim o porta-voz, ou a busina, que se emprega a bordo de todos os navios, e para fallar para longe, os tubos que servem para fallar d'um logar para outro proximo, e que ha nos theatros, casas de parlamento etc., pertencem á telegraphia acustica.

O apito empregado para ordenar as manobras, já a bordo, já nos incendios etc.; o toque dos sinos indicando o luto, a alegria, o sinistro; os toques de corneta; os tiros, foguetes etc. são tudo meios telegraphicos que se empregam todos os dias e em todos os logares.

A telegraphia acustica não se pode desinvolverse muito por duas razões: primeira, porque a velocidade com que o som se propaga no ar é insufficiente para as necessidades do homem: é apenas de trezentos e trinta metros por segundo. Segunda, porque a intensidade do som diminue muito com a distancia, e assim só a pequenas distancias se pode empregar.

A luz. É um dos agentes mais proprios para empregar na telegraphia, e por diferentes razões; não só é um dos mais velozes, mas sua intensidade conserva-se com bastante força mesmo a grandes distancias. As estações que fallam não precisam estar em communicação directa, finalmente é muito simples e barato. Em qualquer logar se pode levantar um telegrapho e funcionar logo; não succede assim com os outros que temos a estudar, sendo difficil restabelecer a linha que se interrompeu.

O emprego das bandeiras, de que tanto se usa a bordo, pertence á telegraphia luminosa. Essa linguagem só pode ser applicada a um certo numero de phrases previamente convencionadas, e por isso seu emprego fica muito limitado. Apesar de tudo que temos dito, a telegraphia pode considerar-se que nasceu no fim do seculo passado e do modo seguinte.

Nas proximidades d'Angers existiam tres irmãos, um estudava no seminario d'Angers para tomar ordens, e os outros dois estavam em um collegio a meia legua da cidade. Claudio Chappe, que assim se chamava o seminarista, desejando ter noticias dos irmãos, lembrou-se de se corresponder com elles, o que levou a effeito do seguinte modo. Tomou uma regua de madeira, a cada uma das extremidades da qual applicou uma outra que fazia com a primeira uma especie d'aza; as azas podiam mover-se como se quizesse. Combinando as diferentes posições das azas e da regua obteve cento noventa e duas figuras que se viam distinctamente com o auxilio d'uma luneta. A cada figura correspondia uma letra, uma palavra, ou uma phrase. Assim nasceu a telegraphia que ainda ha pouco tempo servia em todas as nações.

Á proporção que Chappe se ia servindo do seu telegrapho, ia reconhecendo as imperfeições que tinha a sua linguagem, e cada dia lhe introduzia um novo aperfeiçoamento. Por este tempo começavam as grandes guerras da França. Claudio apresentou-se diante da Assembléa legislativa, offerecendo a sua descoberta — 22 de março de 1792 — assegurando que durante uma sessão se podia enviar um despacho até á fronteira e receber a resposta. A proposta não foi acceita com o entusiasmo que merecia; foi mesmo pouco considerada; e tanto isto é verdade, que só bastante tempo depois Chappe foi nomeado engenheiro telegraphico e se começou a linha para Lille.

Antes d'isso por diferentes vezes conseguiu licença para estabelecer telegraphos para ensaio: o primeiro foi collocado na barreira da Estrella. Uma noite homens mascarados o destruíram. — Mais tarde levantou um segundo em Menilmontant, o qual foi queimado pela população que julgava ver n'elle um meio para estabelecer uma correspondencia secreta com os reaes prisioneiros do Templo. — N'essa mesma occasião, a vida dos Chappes não deixou de correr algum risco. Finalmente alcançando por terceira vez permissão de estabelecer um novo telegrapho á sua custa, não poderam conseguir, apesar de o pedirem diferentes vezes, que fosse examinado o modo como funcionava. Um deputado tendo por acaso noticia do apparelho o elogiou perante a camara, e chamou a attenção do governo sobre elle. Que de difficuldades para a França adoptar uma invenção, que havia de prestar tantos serviços ao mundo! O primeiro despacho official foi passado a 30 de novembro de 1794 e era o seguinte: *Condé être rendu a la République. Reddition avoir eu lieu ce*

matin à six heures. A noticia e a resposta que depois se passou foi obra de 14 minutos. É facil d'imaginar qual seria o entusiasmo com que a França vira funcionar d'um modo tão perfeito o primeiro telegrapho, e em circumstancias em que se iam tornar tão necessarias as communicações para as diferentes partes da fronteira.

Apesar de serviços tão valiosos, prestados por Chappe e seus irmãos, que com elle estiveram na administração dos telegraphos, e no fim de quarenta annos de serviço, os dois irmãos foram demittidos sem causa que justifique o governo que tal coisa ordenou (1830). Tanto pode a ingratição d'um paiz!

O telegrapho aereo consta d'um regulador e de dois indicadores. O regulador é um rectangulo de madeira atravessado no centro por um eixo, o qual vae tambem atravessar a parte superior d'um poste de madeira em torno do qual se pode mover descrevendo um circulo cujo plano é vertical. Conforme as diferentes posições que toma o rectangulo, ou vertical ou horizontal, obliqua direita ou esquerda, assim indica diferentes coisas.

Os indicadores são igualmente dois rectangulos de madeira, que podem descrever circulos em planos paralelos ao plano do circulo que o regulador pode descrever. Conforme as diferentes posições do indicador, em relação a cada uma das posições do regulador, assim se obtém os diferentes signaes. Das posições que o regulador toma só se aproveitam a obliqua direita e a esquerda. Chappe entendeu que a posição vertical e horizontal servia só para fazer entender que o signal dado era bom; isto é, que não tinha havido engano, e por tanto que se podia passar para outra estação. Assim o individuo que se acha em uma estação vê quena outra se forma um signal v. g. sobre a obliqua da direita, toma sentido n'elle para o repetir, mas só o escreve e repete quando vê que o regulador se collocou vertical ou horizontal, o que lhe indica que o signal é bom. Aproveita-se tambem esta idéa para duplicar o numero de signaes, pois um dado signal tem uma significação quando é confirmado por uma posição horizontal, e outra diversa quando o regulador se colloca verticalmente. Um machinismo formado d'alavancas cordas e roldanas serve para pôr as diferentes peças em movimento. O machinismo acha-se dentro da estação e á mão do empregado que observa. A manobra reduz-se toda a observar o signal que se forma sobre a obliqua; formal-o, ver se depois vae á linha horizontal ou vertical; fazer o mesmo. Escrevel-o, e verificar se o telegrapho seguinte o reproduziu exactamente.

Tem-se achado que se passam tres signaes por minuto. Um espaço de seiscentos kilometros, passando o signal por cincoenta e quatro estações, vence-se em oito minutos, o que é já um prodigio de velocidade. Accrescentando que já Chappe tinha um dictionario com sessenta e uma mil novecentas e cincoenta e duas palavras, o qual já tem sido bastante aperfeiçoado, vê-se que a linguagem telegraphica satisfazia a muitas necessidades e com certa rapidez.

Vejamos agora como é que os diferentes signaes podem servir a transmitir os pensamentos. Noventa e dois signaes que se formam sobre a obliqua da direita representam outros tantos numeros de um a noventa e dois. Supponhamos agora que ha um dictionario tendo noventa e duas paginas e em cada uma outras tantas palavras. Um dos signaes do telegrapho indica a pagina e um segundo indica a linha. Assim se consegue representar com os noventa e dois signaes um grande numero de palavras. Ainda mais. Chappe fez um segundo dictionario de phrases, e um terceiro geographico. Então o primeiro signal indicava o vocabulario a que se devia recorrer, o segundo a pagina e o terceiro a linha.

Desde 1830 que se combinaram todos os vocabularios fazendo um só, afim de facilitar o trabalho; e a linguagem telegraphica ficou muito rica e completa. De tempos a tempos muda-se a chave do vocabulario para ser ignorada a linguagem.

A descoberta de Chappe foi conhecida em toda a Europa e todos se apressaram em a aproveitar. A Italia, a Hespanha e Portugal foram das primeiras nações que a adoptaram tal qual acabava de ser creada. Nos paizes do norte, onde ha poucos dias claros, modificaram o telegrapho de Chappe substituindo a regua por outro mecanismo. Esse telegrapho é tambem moda entre nós; chama-se-lhe inglez por ter sido usado primeiro em Inglaterra.

Consta d'um caixilho de madeira onde seis placas se movem em torno d'um eixo horizontal. Cada clava pode apresentar-se vertical ou horizontalmente, e assim se conseguem os diferentes signaes que se vêem distinctamente ao longe.

Na Turquia não se pôde estabelecer a telegraphia aerea apesar de terem ido os apparelhos de França, ninguem soube trabalhar com elles. No Egypto, Mehemet Ali dotou o paiz d'uma linha do Cairo a Alexandria que tem funcionado perfectamente.

Na Russia só em 1834 se estabeleceu a telegraphia, e foi um francez, mr. Chatan, que trabalhara com Chappe, quem a inventou. Ahi se acha a maior linha do mundo que é de Varsovia a S. Petersbourg, tem trezentas leguas d'estensão, e consta de cento e quarenta e oito estações.

O telegrapho aereo só pode funcionar de dia, e em dias claros; durante o verão fica silencioso pelo menos oito horas em vinte e quatro: no inverno muito mais.

É de noite que mais necessario é para o governo. Muitas vezes a interrupção d'um despacho deixa em terrivel



pelos moiros, que foram senhores d'ella pelo espaço de 452 annos.

Em 1155, segundo uns, em 1166, conforme outros, é que Giraldo, chamado *Sempavor* conseguiu, por um feito nunca feito, entregal-a aos christãos.

D. João d'Austria tomou Evora em 1663, por occasião da guerra que havia com Hespanha. Porém pouco depois, havendo o conde de Villa Flor ganhado a batalha do Ameixial, foi a cidade retomada pelas nossas tropas.

Não ha quem ignore que em 1808 os eborenses, á testa dos quaes se collocou o general Leite, quizeram vender cara a Loison e ao seu exercito a perda da liberdade. Todos conhecem as violencias commettidas pelos francezes depois de terem entrado na cidade. Não perdoaram a idade, sexo, nem condição: tudo soffreu!

Fernando I poz em execução um systema geral de defesa, e n'esse systema comprehendeu esta cidade, que foi cercada de valentes muros.

Evora, cuja egreja é das mais antigas da península, foi elevada á dignidade de arcebispado no tempo de D. João III; e o seu primeiro arcebispo foi D. Henrique, o cardeal-infante. Muitos varões respeitaveis pelas suas virtudes e saber se teem sentado na eadeira metropolitana d'Evora, e entre elles conta-se D. fr. Manuel do Cenaculo, illustre ornamento da religião.

Esta mitra possuia avultadas rendas, e era das mais ricas de Hespanha; hoje, porém, essas rendas estão muito reduzidas.

De todos os edificios d'Evora, os mais notaveis são a sé, que é um templo magnifico; a Misericórdia; a egreja de S. Francisco; e a Casa Pia. Esta occupa o edificio da antiga universidade, que em 1559 fundara o cardeal infante.

Muitos reis teem tido em Evora a sua residencia. Ahi, no tempo de D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II, celebraram-se côrtes. O patriotismo dos eborenses é proverbial: onde quer que a liberdade e independencia da patria carecem do seu braço, apparecem elles, e conhece-se que não é para fazer numero.

Além de quanto fica notado, concorre para a gloria d'Evora ter sido o berço de tres distinctos escriptores. André de Resende e Manuel Severim de Faria, bem conhecidos como antiquarios; e Garcia de Resende, collector do *Cancioneiro*.

Em Evora residia antigamente um corregedor, um juiz de fora, e um juiz dos orphãos. Agora, é residencia da authority administrativa superior do districto.

Na praça principal, nota-se a casa da camara, a cadeia, e o chafariz.

A nossa estampa representa a praça com os seus edificios.



A EGREJA DAS FREIRAS DA CONCEIÇÃO.

A nossa estampa representa o frontispicio da egreja das freiras da Conceição, em Beja.

Não precisamos descrevel-o, por que o leitor conhecerá, á primeira vista, a simplicidade legante que presidiu á sua edificação. Apontamol-o só como um modelo no seu genero.

#### NINHA A PASTORA.

A povoação de *Ninha a Pastora*, a que o nosso povo chama, por viciamento de linguagem, *Linda a Pastora*, está situada a pouca distancia do logar de Carnaxide, além da ribeira de Jamor.

Assentada sobre um serro, as ruas d'esta povoação são

tortuosas, mas essa circumstancia, que tão desagradavel se torna aos viandantes, concorre para a formosura da vista geral d'ella, pois que observada da estrada real, proximo ao Tejo, apresenta-se em amphitheatro, que produz um excellente resultado optico.

O sitio, muito aprasivel, é cortado de magnificas quintas, que lhe correm ao longo até quasi á estrada. O rio, que vem de Jamor, cujas aguas, não secando no verão, se precipitam impetuosas no inverno, tem uma ponte de madeira que a nossa estampa representa.

São muito agradaveis as casas de campo n'aquelle sitio: bellas as aguas; saborosos os fructos; o ar salubre e soberba a vista que se gosa de muitos pontos.

#### RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SECULO XIX.

(Continuado do num. 27).

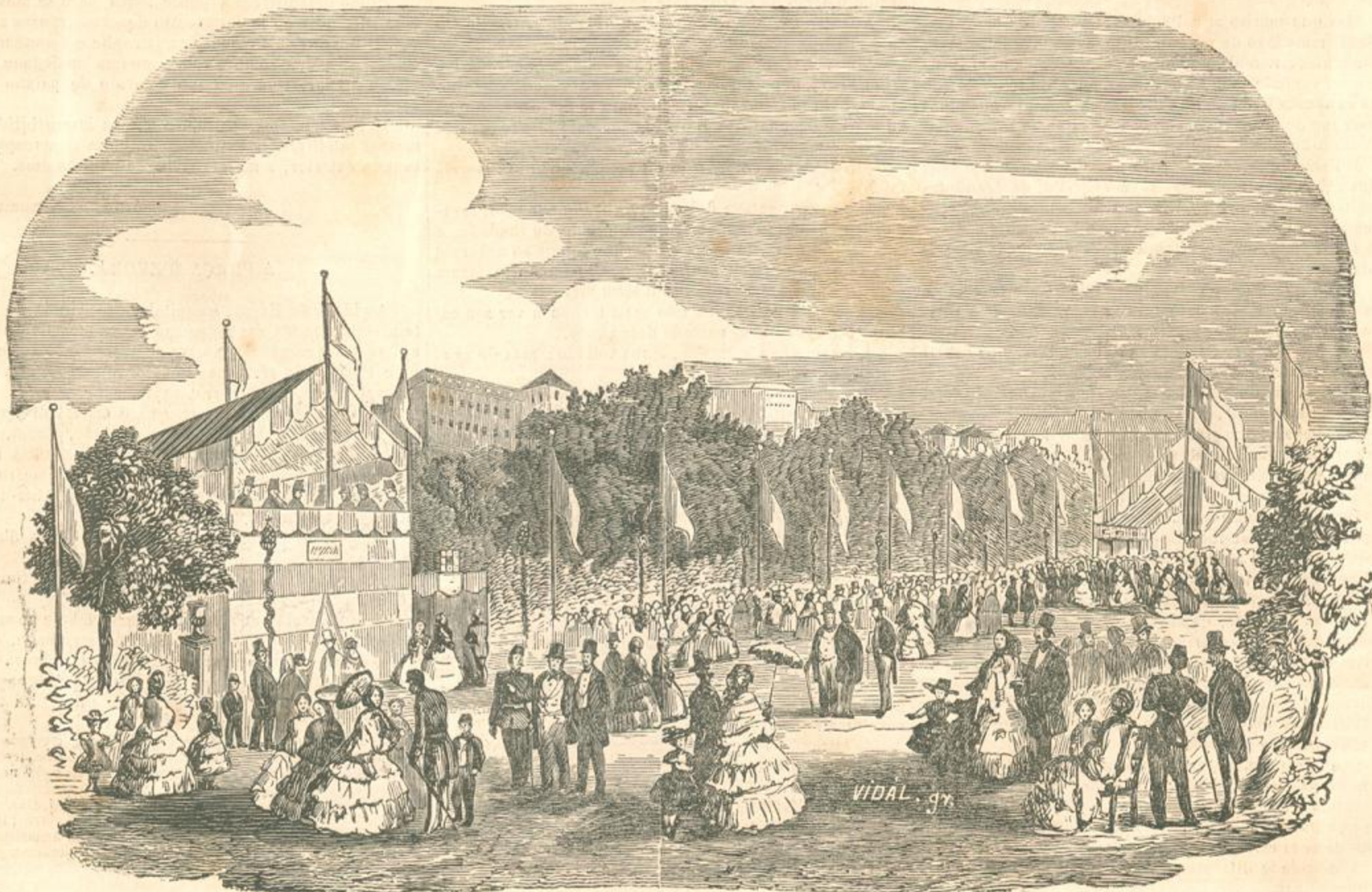
II

#### VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

As batalhas civis, pelejadas galhardamente quer de um quer de outro lado, foram os grandes acontecimentos com que a liberdade assentou o seu triumpho. A guerra, que participava de politica e dynastica, findou com o restabelecimento do throno da senhora D. Maria II. Era chegado então o caso de os nossos homens politicos se applicarem ao desenvolvimento das reformas, cujos germens se lançaram nos decretos publicados pela regencia da ilha Terceira.

Hoje reconhece-se que estes decretos encerravam luminosos principios da sciencia economica, e que deviam ser fecundos em resultados se fossem bem dirigidos na sua applicação. Não se colheu, porém, d'elles quanto era possivel e devia esperar-se. Seguiu-se portanto esse estado de estacionamento em que por alguns annos vivemos desde a auspiciosa epoca de 1833.

A grande massa de bens nacionaes que entraram no thesouro publico em virtude da extincção das ordens religiosas, foi pouco a pouco desbaratando-se em indemnisações mal calculadas, e na venda que resgatava os titulos creados para esse fim, e que não poderam ganhar o credito que deviam merecer. As operações e os emprestimos succediam-se lançando fora o oiro ás mãos largas pelas janellas do thesouro, e quando se esperava que o estado ficasse mais rico, ao cabo de poucos annos o thesouro encontrou-se peor do que se achava antes, com o



Festa de beneficencia. — Passeio Publico — vista de dia.

credito vacillante, com a divida augmentada, e o cahos em toda a parte.

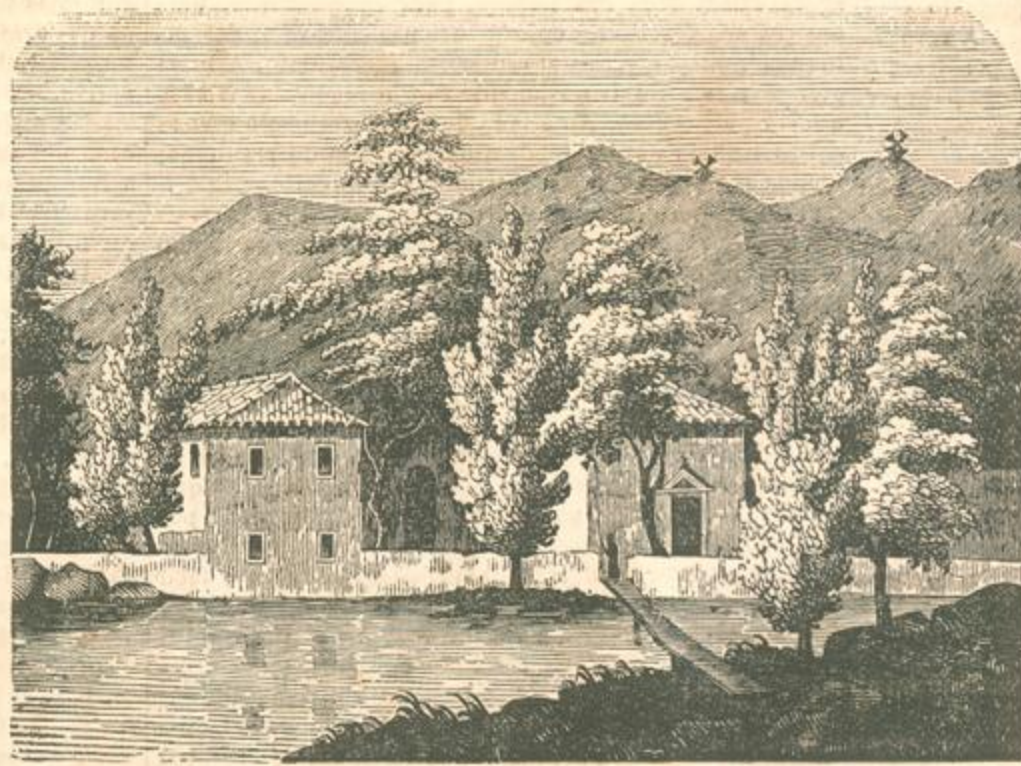
As artes e as sciencias, que pareciam dever tambem ganhar com as reformas então decretadas, estacionaram egualmente como todas as coisas a que faltou o necessario arrojo.

Os valiosissimos escriptos e as preciosas livrarias, que existiam nos extinctos conventos, desapareceram malbaratados, quando se deviam esmeradamente reunir e colleccionar para proveito da mocidade estudiosa; e muitos dos nossos bons livros e escriptos saíram do reino com grande detrimento e prejuizo nosso.

Deviam apparecer, porque existiam, avultadas duplicações de obras, que passavam a ser propriedade nacional. Estas duplicações cuidadosamente trocadas no estrangeiro por obras de valia que a sciencia todos os annos lá fora está dando á estampa, enriqueceriam a Bibliotheca Publica tão minguada hoje n'este objecto, a ponto de não satisfazer as exigencias dos nossos homens de letras. Não se curou de tal como se devia. As duplicações extraviaram-se. Mais tarde quando lembrou este alvitre, já se não pôde condignamente satisfazer. Não nos devemos admirar portanto, que se uma ou outra obra estrangeira a Bibliotheca adquire hoje seja com despendio e grande sacrificio.

Se bem nos lembra, entre as antigas providencias que acabaram de reger em 1833, havia uma pela qual o nosso mercador de livros que negociava com o estrangeiro era obrigado a entrar na Bibliotheca com um exemplar de todas as obras que para commercio entravam no reino. Ahi estava um meio facil e não muito gravoso de surtir o primeiro estabelecimento que tinhamos n'este genero, providencia adequada, e que pelos seus proficuos resultados tinha um alcance eminentemente nacional.

Assim como succedeu com os livros e escriptos, aconteceu com os primores d'arte, — os excellentes quadros que pertenciam aos extinctos conventos. Parecia tambem que o primeiro cuidado de um ministro previdente seria o chamar e reunir a um centro todos esses objectos, e fazendo d'elles aprimorada escolha, formar com os selectos uma galeria, cuja falta ainda hoje se lamenta. Não



Ni ha a Pistora.

se fez. Muitos se deixaram arruinar encerrados n'esses templos e mosteiros que se fecharam á chave; outros ficaram esquecidos e ignorados no interior d'esses edificios que se entregaram aos usos profanos; alguns desapareceram, e o que se chegou a colleccionar amontoou-se desleixadamente sem curar da sua conservação. Sômente annos depois, porém quando similhante estado se não podia remediar, foi que se tratou de se formar uma Academia de Bellas Artes, e chamar-se ahi esses tristes e mutilados restos, quando era o que se devia ter feito, logo em seguida á extinção. Já foi tarde. Ainda assim o pensamento que devia estar amadurecido pela experiencia, não teve o devido desinvolvimento, e o estado de incuria e desleixo continua como anteriormente.

Na agricultura promettia egualmente aquella epoca uma completa revolução. Estavam extinctos os dizimos

que oneravam a terra productiva; muitas e valiosas propriedades passavam das corporações para a massa activa da sociedade, e o grande numero das que ainda hoje existem vinculadas aguardavam de prompto uma medida que lhes facilitasse a transmissão. Quebraram-se parte dos entraves que se oppunham ao seu desinvolvimento e prosperidade, mas a indolencia, a incuria e a rotina continuaram a subsistir como d'antes, não lhe valendo nem aproveitando os exemplos isolados de um ou outro lavrador, que, amando a sciencia, fazia convergir os seus capitais e esforços para o augmento e prosperidade d'ella, mas que eram esforços baldados no meio do estacionamento geral. Muitos annos decorreram até ha pouco que começámos os primeiros passos na regeneração d'esta nossa riqueza productiva, e quando hoje podiamos estar na quadra da safra apenas nos encontramos a rotear os campos.

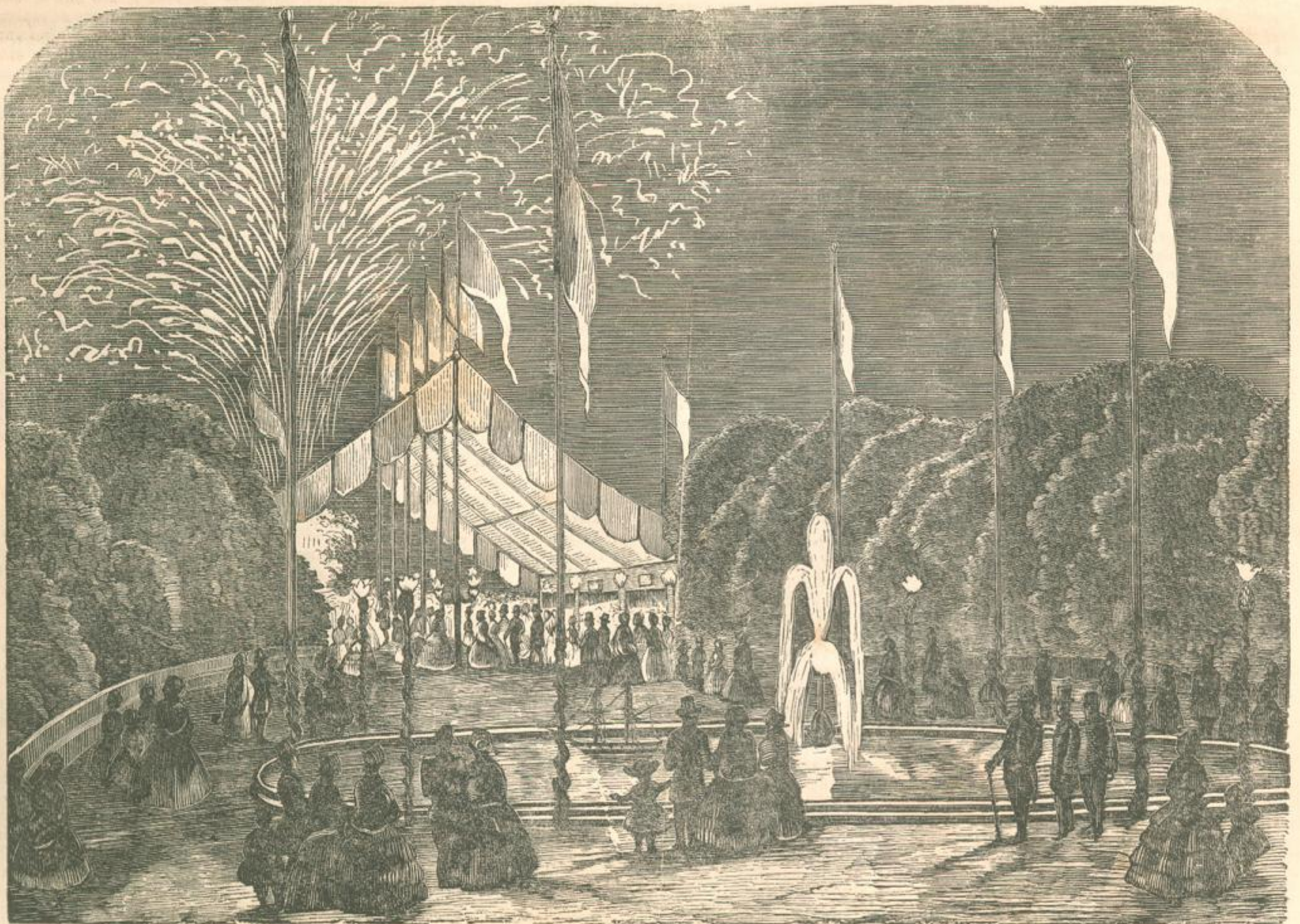
Custa-nos a dizel-o, mas infelizmente é verdade, a unica coisa de que se curou foi de deixar fora do serviço activo das repartições muitos empregados habéis e honrados; e ainda assim vimos regatear a estes o mesquinho pão a que tinham direito pelos seus longos serviços na carreira publica.

Uma das accusações ao antigo systema era o excessivo numero dos seus empregados. Houve a grande reforma de 1833, e esse numero não diminuiu; pelo contrario augmentou.

A classe em que verdadeiramente houve redução foi a dos pensionistas pelas diversas folhas do erario, e desde então até hoje poucos tem sido os governos em conceder pensões ás viúvas e filhos dos que tem sacrificado a sua existencia no serviço da causa publica.

Temos para nós que esta parcimonia é um mal e grande. Todo o bom serviço tem direito a uma recompensa. Esta é estímulo para os homens, que sacrificando á patria os formosos dias da sua existencia no desempenho dos cargos publicos, contam com a remuneração que hão de deixar á sua familia. Este é o segredo dos governos bem constituídos para se crearem empregados honrados, activos, e zelosos.

Abria-se pois n'esta epoca largo ensejo ás grandes



Festa de beneficencia. — Passeio Publico — vista de noite.

verdades economicas, porém não houve a devida resolução e vontade de as aproveitar, e nem a revolução que, em 10 de setembro de 1836, tomou por pretexto essa incuria e desleixo melhor o soube remediar! A revolução operou-se incruenta porque nos animos penetrara a necessidade de mudar os homens da governança para ver se os males minoravam, rasgando-se á administração interna do paiz mais largos horizontes, e se ainda era tempo de aproveitar os restos dos perdidos recursos.

Desgraçadamente os factos vieram demonstrar que esta revolução prevista, porém inesperada n'aquella conjuntura, proviera unicamente dos despeitos que trouxeram da emigração dolorosas causas de resentimento.

Verdade é que se fizeram alguns esforços para prover de remedio áquelle estado; mas perderam-se isolados, porque os acontecimentos, succedendo-se estranhamente, arrastaram tudo na sua força; e o muito querer de alguns homens, que se haviam posto á testa da situação encetando simultaneamente as reformas em todos os pontos da administração, se annullou pelo pequeno poder com que elles se encontraram, e pela falta de animo e vigor para os concluir.

O paiz reclamava a reforma, porém não se lhe attendeu devidamente, nem houve contemporisação para as susceptibilidades que naturalmente se alevantam n'estes tempos de convulsões politicas. Não foi de estadista cançar o braço com demissões. Não foi de prudente e consummado legislador aquelle amontoar de leis novas que vinham reciprocamente baralhar-se em competencias, nascendo de todas a confusão.

D'aquellas susceptibilidades offendidas e que não houve a prudencia de apasguar, nasceram os empeços que estorvaram a marcha governativa; e assentados elles, a reacção marchou necessariamente na sua retaguarda.

Seguiu-se-lhe o desejo e o esforço, natural em todos os governos, de levantar barreiras áquellas resistencias. Assim foi o governo dando descuidadamente a mão ao elemento menos pratico nas regras da governança, porém mais arrojado nas suas concepções, e mais audaz no despreendimento de todas as considerações que são necessarias na gerencia da republica. Fallamos do elemento popular na sua mais infima camada: d'aquelle que em vez de acalmar as paixões ás irrita. Dando o governo largas de mais a este elemento foi por uma logica deducção encontrar-se dependente d'elle. Quando deu por tal e quiz recuar já era tarde. Estava assoberbado, e a menor resistencia que lhe oppozesse havia produzir o conflicto. Assim succedeu. A força armada percorreu as ruas da capital, e a pouca prudencia que houve em dirigil-a empenhou a lucta sacrificando desnecessarias victimas.

D'aqui em diante a confiança desapareceu. O receio e o temor substituíram-a com grave detrimento da causa publica. O governo, falto d'este esteio e desarmado d'esta egide que o salva nos grandes perigos, tinha de succumbir. Succumbiu, arrastando na sua queda a propria constituição que fôra obra sua, a maior parte das reformas que havia encetado, e o systema governativo que tinha adoptado.

Temos ouvido graves declamações contra a constituição de 1838. Reconhecendo nos homens politicos de então os erros que acima acabamos de expor, não podemos aceitar no todo as accusações que se lhe fazem, porque não será facil negar á sua epoca o germen de mais rasgados melhoramentos, como de futuro apontaremos na sequencia d'este trabalho.

A contra-revolução que se operara no Porto em 27 de janeiro de 1842, fôra correspondida em Lisboa por um simultaneo movimento. Do norte ao sul do reino correu rapida, e venceu pelas causas acima apontadas.

Entramos n'outra quadra auspiciosa tambem, e do mesmo modo mal aproveitada por todos; porque dando-se aos espiritos a tendencia para os melhoramentos materiaes do paiz, accorrendo a este grande fim os capitães, elevando-se espantosamente o credito pela formação de novas companhias, não houve nos governantes a prudencia de acompanhar estes melhoramentos materiaes com os necessarios actos de contemporisação ás susceptibilidades irritadas da situação caída; nem os homens d'esta situação tiveram a necessaria abnegação para se desprenderem de toda a idéa de engrandecimento pessoal, procurando vencer os seus adversarios no campo das utilidades publicas.

Estes homens tinham-se lançado no caminho da conspiração. Organisaram-a em permanencia. Lidaram na imprensa e nos clubs por desacreditar o governo, interpretando-lhe em mau sentido as suas aspirações, procurando suscitar-lhe a desconfiança em todos os actos, desvirtuando os factos.

Era por esta forma que se preparavam as coisas para um tempo mais remoto, quando a publicação de duas leis, que não tinham no seu intuito e alcance nada de injustas, veio de reforço á exploração politica. A lei de saude, na occasião de um enterramento na provincia do Minho, a mais favorecida n'aquella epoca pelos trabalhos de viação que n'ella se haviam emprehendido, foi o bota fogo com que incendiaram a mina, já tão atacada com os absurdos boatos que adrede se espalharam sobre a outra lei da decima de repartição.

A revolução progrediu. Os homens empregados nos trabalhos das estradas do Minho, convidados pelo attractivo de maior jornal que se lhe pagava para se unirem ao movimento; os braços desempregados do exercito que

se dissolvera em 1833 pugnando pelo principe proscripto; as espadas que n'essa occasião se haviam embainhado, e agora saíam fora das bainhas para conquistarem uma posição no exercito em cujo quadro não entravam, deram-lhe em pouco tempo um espantoso incremento. A lucta arriscava-se a tingir novamente com o sangue de irmãos a terra portugueza. No estado de effervescencia a que as coisas tinham chegado, além da incerteza do resultado, a onda popular ameaçava trasbordar, e de certo seria difficil oppor-lhe depois um dique que a pudesse conter.

Ceder, foi um acto de prudencia. O governo largou as redeas da governança, com a consciencia das suas leis terem sido mal interpretadas e mal apreciadas, confiando do tempo fazer-se-lhe justiça, e convencido tambem de que pela sua parte, cedendo convenientemente, salvava a dynastia e o throno que se podiam arriscar no conflicto.

A Providencia tinha destinado que esta quadra de insurreição apparecesse em Portugal mais cedo do que estava predestinada para outros paizes da Europa; por que os grandes esforços, quebrantando as forças depois de serenada a crise, deixam tal prostração que não é facil seguir-se-lhe promptamente outro acto de energia e vigor. A revolução de 1846, e a guerra civil que se lhe seguiu, se fôra adiada para 1848, quando o vulcão revolucionario rebentou na França, agitou a Italia, e sublevo a Hungria, havia de certo acarretar para o nosso paiz gravissimas complicações. Quando elle rebentou acolá, a materia ignea estava felizmente consumida aqui. Por isso gosámos de paz, sem necessidade de recorrer aos meios energicos de que os outros estados lançaram mão para se salvar.

Grande foi a energia desinvólvida n'essa quadra pelos homens que se collocaram á frente d'aquelle movimento para o moderar; dignos de nota os esforços para dissolver as massas populares que n'aquella epoca accorriam sobre a capital, e despedir para suas casas os que as compunham. Verdade é que foi necessario então fazer sacrificios para se obter este resultado; mas bem valeram, por que se conseguiu o grande fim de serenar aquella onda revolta e encapellada que ameaçava trasbordar.

Esses cavalheiros mereceram bem da patria, a quem prestaram um importantissimo serviço, e bem mereceram tambem do throno ao qual serviram de impenetravel escudo.

A commoção fôra tão forte, e tamanho o abalo produzido no paiz, que os estabelecimentos de credito, e as companhias tão modernamente organisadas se deviam sentir d'elle.

Assim aconteceu.

Os estabelecimentos monetarios, que tamanho impulso principiavam a dar á prosperidade do paiz, pararam nas suas transacções; interromperam-seas obras publicas; e o credito, que se afugenta ao mais pequeno pretexto, desapareceu tambem, deixando desempregados os braços que buscavam emprego.

Dedicou-se um extremo cuidado a fazer frente á crise que era terrivel. Os homens de maior nomeada nas finanças concorreram com a sua sciencia, com os seus conselhos, e tudo quanto dependia d'elles para salvar o thesouro dos apuros, e, honra se lhes faça, entregaram-se a este trabalho com um zelo e uma dedicação admiraveis.

O governo, armado necessariamente do poder dictatorial, achava-se provido da poderosa arma que salva as nações nas grandes crises. Tentou empregal-a com prudencia; porém faltou-lhe o tempo indispensavel.

Entre aquelles sacrificios que acima dissemos, contava-se um, que podendo ser na conjuntura uma taboa de salvação, foi infelizmente o pomo da discordia lançado no banquete a que deviam concorrer todos os homens politicos sem distincção.

Foi a questão eleitoral.

Graves apprehensões se começaram a suscitar sobre o mandato que os eleitos da nação deviam receber. Arriscaram-se na sua discussão algumas phrases que fizeram tremer e recear pelos futuros destinos do paiz.

A isto juntara-se a reconstituição da guarda nacional, que, sendo indubitavelmente a salvaguarda da constituição, havia por desgraça deixado entre nós uma recordação tão pouco lisonjeira que fazia recear pela tranquillidade futura.

O complexo de todos estes factos apressou uma nova crise.

Appareceu o 6 de outubro, que não serviu a remediar de prompto o estado em que nos achavamos, nem teve o exito esperado, talvez porque a sua intenção não foi lealmente comprehendida.

Quando a noticia d'este movimento chegou ao Porto, logo a resistencia se ergueu ali. Aproveitando os elementos que desde a passada commoção se tinham pouco a pouco agglomerado para sustentar a situação creada pela revolução do Minho, entrechocando-se no encontro das opiniões politicas e dos animos tão pouco serenados ainda para bem se comprehender o perigo d'uma lucta, desinvolveu a tempestade em todo o seu horror.

Ahi estava em campo a guerra civil que poucos meses antes com tanto cuidado buscara evitar-se.

Para concluir com ella foi necessario recorrer á intervenção armada das potencias signatarias do tratado da quadrupla alliança, d'essas potencias que com o seu apoio moral haviam ajudado a plantar em Portugal a liberdade e o throno da senhora D. Maria II.

Assentada a paz, dedicaram-se os animos a melhorar o estado em que o paiz ficara depois de tão profundas e dolorosas feridas; porém a irritação que passara do campo das armas para o campo da imprensa e da vida civil, invadia tudo, e necessariamente empecia a marcha governativa.

No meio d'estas oscillações da opinião publica, havia contudo um bem real—a paz de que gosavamos, quando a Europa se achava inteiramente agitada, e as idéas governativas lidavam no campo da insurreição para alcançar o seu triumpho.

Poucos foram, porém, esses annos de paz; porque em 1851 a opposição parlamentar, desesperando de vencer na tribuna, appellou para as armas, e o grande nome de um general de justo prestigio no exercito, conseguiu derubar a situação que ajudara a levantar em outubro de 1846, recebendo um decidido e efficaz apoio nos chefes do partido, que em 1847 havia convencido em Gramido.

Serviram de pretexto á nova phase em que entravamos a necessidade de adicionar alguns artigos á lei fundamental do estado, dar maior impulso ás obras de viação, e organizar a fazenda.

É tão recente esta quadra, estamos ainda tão influenciados pelos seus acontecimentos, que assentamos aqui ponto, porque necessariamente nos faltam muitos dos preciosos elementos para uma justa e imparcial apreciação.

O grande facto d'esta quadra, que não devemos, porém, deixar em silencio, é o da inauguração do novo reinado, e com elle as lisonjeiras esperanças concebidas pela illustração e genio superior do joven monarcha. Em sua alta sabedoria entendeu sua magestade ser conveniente encerrar o primeiro periodo d'esta epoca, e chamando a seus conselhos novos ministros, distinguio para esse fim, entre os nossos homens de estado, o benemerito visconde de Sá da Bandeira, cuja biographia vamos traçar.

A breve resenha que acabamos de fazer era necessaria para marcar bem distinctamente as epocas em que se passaram os successos que vamos narrar. Esses successos traçaram entre si uma profunda linha divisoria. É preciso não a esquecer para condignamente se poderem avaliar as diversas acções do mesmo homem, filhas das encontradas posições em que se achou, e das causas estranhas que produziram tão variados effectos.

O visconde de Sá da Bandeira é um dos homens dos nossos dias que na historia de todas essas epocas escreveu a sua pagina; que em todas deixou vestigios de uma conducta honrada e desinteressada; e que com o seu sangue e conselho tem servido a patria como talvez bem poucos.

De caracter franco, nobre e resolutivo, é generoso no campo da batalha, e valedor e amigo no gabinete e no conselho.

Versado em mui distinctos ramos dos conhecimentos humanos, é um escriptor elegante e distincto.

Apixonado até ao extremo pelas nossas glorias d'além mar, é um protector desvelado das nossas colonias, e occasião se nos offerecerá no decurso d'este trabalho para desermos á apreciação dos serviços que lhe tem prestado.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

## CHRONICA SEMANAL.

Duas comedias originaes chamam hoje a attenção da chronica; antes porém de encetarmos a sua analyse, ensaiaremos apresentar algumas considerações que julgamos valiosas e necessarias ao theatro portuguez.

Differentes reformas tem sido tentadas, mas radical e completa nenhuma ainda. A questão na sua verdadeira altura parece-nos não ter sido tratada nas differentes epocas que passaram.

Desde a fundação do theatro de D. Maria II até agora, tudo o que se tem legislado, apenas serviu para modificar uma ou outra falta, para favorecer uma ou outra necessidade, sem procurar regenerar por uma vez a scena portugueza. Principiou pela construcção do theatro, que logo appareceu defeituosa e impropria para o fim a que se destinava, faltando-lhe todos os attributos e que-sitos necessarios para uma scena de declamação.

Este mal porém, acha-se remediado, graças á gerencia do sr. D. Pedro do Rio, que, entrando para ali e vendo que nenhum outro serviço podia prestar á arte dramatica, subordinado como estava aos actos do seu antecessor, tratou de o emendar. Transformou a sala tornando-a acustica e elegante. Bastava este serviço para recomendar a sua administração e lembral-a no futuro com gloria.

É chegada afinal a occasião de s. ex.<sup>a</sup> poder progredir nos melhoramentos que são indispensaveis para conseguirmos crear um theatro a quem caiba o titulo de normal, esperamos portanto que a aproveite. Vae começar agora a sua responsabilidade: até aqui manteve a alheia.

No nosso paiz, a arte dramatica, considerada em frente do desinvólimento e progresso que tem tido em França, está relativamente atrasada; considerada na presença dos poucos meios que se tem empregado para a cultivar e da falta de protecção que tem tido, e ferindo direito o alvo, em presença dos acanhados e ridiculos interesses que um



